



Tessa Dare

Autora bestseller do *New York Times*



Era uma vez
uma *Noite* de
Inverno

Novela da série *Spindle Cove*

TOP
SEL
LER

Capítulo 1



Em dezembro de 1813, o baile dos oficiais teve um forte impacto na economia de Spindle Cove. Visto que a aldeia era majoritariamente composta por mulheres, havia determinados bens que escasseavam.

Ganchos de cabelo, por exemplo. Fitas. Os papélotes eram um luxo.

E cantos. Os cantos eram o mais escasso de todos os bens.

Porque havia apenas quatro num salão de baile, e ali, em Spindle Cove, muitas senhoras eram atraídas por eles.

Como experiente frequentadora de cantos que era, Violet Winterbottom sabia como conquistar o seu terreno e defendê-lo.

Reclamara o seu nicho à chegada. Uma alcova confortável do grande salão Summerfield, ligeiramente perfumada com uma grinalda de bagas de loureiro, e convenientemente situada perto da enorme taça cheia de vinho quente.

— Porque te escondes no canto, Violet? — perguntou-lhe Kate Taylor, aproximando-se dela e tomando-a pelo

braço. Animada e sensata, Kate era a professora de música de Cove. — É Natal. Devias estar a dançar.

Violet resistiu à ideia com um sorriso.

— Obrigada. Estou bem aqui.

Kate levantou uma sobancelha.

— Estás mesmo?

Violet encolheu os ombros. Em termos de características superficiais, não se enquadrava na típica solteirona encalhada. Era uma jovem de boas famílias, possuidora de um dote generoso, e — ainda que não de uma beleza lendária — francamente bonita. Os seus dotes musicais e de pintura não eram dignos de registo, mas falava seis línguas modernas e conseguia ler várias línguas mortas. Não era desajeitada, não tinha icterícia nem ceceava.

No entanto... passava muito tempo pelos cantos. Mais do que nunca, desde *A Desilusão*.

— Vamos encontrar-te um parceiro para dançar — disse Kate, puxando-a pelo pulso. — Este teu vestido vai ficar lindo junto do casaco vermelho de um miliciano.

— Deixe-a estar, menina Taylor — disse Sally Bright, juntando-se a elas. — Sabe que ela não está a sentir-se bem. Por causa de amanhã, o dia em que nos vai deixar.

Kate apertou-lhe a mão.

— Querida Violet. Vamos sentir muito a tua falta.

— Eu também irei ter muitas saudades de todas vós.

Os pais de Violet tinham finalmente perdido a paciência com a sua ausência prolongada. Queriam ver a filha mais nova casada e tinham determinado que a próxima Temporada seria *a* Temporada. A carruagem da família

viria buscá-la no dia seguinte e Violet não teria outra escolha senão embalar os seus pertences e regressar a Londres, para a casa da família. Casa essa que continuava horrível e dolorosamente situada mesmo ao lado da dele.

Por favor, peço a todos os santinhos que ele não esteja em casa e que ainda esteja longe, do outro lado do oceano.

Num gesto nervoso, Violet passou as mãos enluvadas sobre o vestido de seda esmeralda.

— Os meus pais querem-me em casa com a família no Natal.

— Isso é bom, não é? — perguntou Sally. — Nós, os Brights, passamos sempre o Natal todo na esperança de que o nosso pai *não* apareça. Aquele velhaco é como a gripe. Tem o hábito desagradável de nos visitar no inverno.

A família Bright partilhava duas qualidades: tinham todos um impressionante cabelo louro-prateado e todos trabalhavam em conjunto na gestão da drogaria da aldeia, onde se vendia tudo e mais alguma coisa. Sally estava ao balcão, alegremente negociando tanto mercadorias como mexericos. Errol, o mais velho, trazia mercadorias de outras cidades. Os gémeos Rufus e Finn tratavam da gestão do armazém, enquanto a mãe, sempre estafada, tomava conta das crianças mais novas. O pai estava quase sempre ausente — e, pelo que Violet apurara — ninguém sentia muita falta dele.

— Mas se vais partir amanhã, Violet, essa é mais uma razão para dançares esta noite — insistiu Kate. — Devíamos estar todas a dançar. Meu Deus, olha para eles — disse ela com um gesto para o outro lado do salão.

Ali estavam os milicianos de Spindle Cove, alinhados numa única fila, como se fosse o seu dever solene segurar a parede. Vestiam casacas de um vermelho vivo, calças brancas como a neve, galões dourados, botões de bronze e expressões de embaraço a condizer.

Kate abanou a cabeça.

— Depois de tantos meses à espera deste baile, vão ficar ali especados a olhar-nos de longe?

— O que esperavas? — perguntou Violet.

— Não sei — suspirou Kate. — Romance? Nunca sonhas com o dia em que um cavalheiro misterioso e elegante repara subitamente em ti do outro lado de um salão de baile cheio de gente? E que atravessa a sala para chegar até ti e convidar-te para dançar, apaixonando-se loucamente por ti para todo o sempre?

Sally abanou a cabeça.

— Isso nunca acontece na vida real. Basta perguntar à minha mãe.

Basta perguntares-me a mim, quase disse Violet em voz alta.

O sonho que Kate descrevera acontecera-lhe a ela, em tempos. Num cenário muito semelhante àquele onde se encontrava, há quase um ano. Um homem que ela adorara durante anos havia finalmente reparado nela. Fixara o olhar no dela, através de uma sala cheia de gente, e depois avançara através da multidão para lhe pegar na mão.

Todavia, o homem viera a revelar-se uma desilusão.

A Desilusão.

— Os finais felizes existem — insistiu Kate. — A prova está no Lorde e na *Lady Rycliff*.

Todas se viraram para admirar os seus anfitriões. Violet teve de admitir que eram, de facto, um lindo casal.

— É tão romântica a forma como ele continua a tocar-lhe no fundo das costas. E a forma como a olha... — Kate suspirou melancolicamente. — Ele é-lhe completamente devotado. E a Susanna é a imagem da felicidade.

— Claro que ela está feliz — disse Violet. — O Lorde Rycliff é um homem muito honrado e decente. — *Ao contrário de alguns que se dizem cavalheiros*. — Quem nos dera ter a mesma sorte.

— Talvez — disse Kate. — Mas e se a sorte não tiver nada que ver com isso? Isto é Spindle Cove. Quem diz que temos de ficar à espera dos homens? Talvez o melhor seja deixar de esperar que reparem em nós e repararmos nós neles.

Violet reparou num som estridente. O grito assustado atravessou o salão de baile à pinha, deixando todos paralisados no seu lugar.

— Céus — murmurou ela. — O que foi aquilo?

— O que é aquilo? — perguntou Kate.

Os outros convidados encostaram-se às paredes do salão de baile, revelando o que Violet não conseguia ver. As portas que davam para o jardim tinham sido abertas.

Recortada na entrada estava uma silhueta. Alta. Misteriosa. Ameaçadora.

Os militares levaram de imediato a mão aos sabres. Violet ter-se-ia sentido mais tranquila se não soubesse que eram

espadas ornamentais, mais adequadas para fatar queijo mole do que para trespassar um intruso.

Enquanto anfitrião e oficial comandante, Lorde Rycliff deu um passo em frente.

— Quem é o senhor? — exigiu ele. — O que pretende daqui?

Nenhuma resposta.

Mas uma coisa era imediatamente óbvia. O homem não era de Spindle Cove. Na pequena aldeia onde todos se conheciam de vista ou mesmo pelo nome. Este intruso era um estranho para todos eles.

E também era grande. E estava sujo e completamente encharcado.

E estava em movimento. A cambalear, a tropeçar... diretamente em direção ao canto dela.

Os homens desembainharam os sabres e alguns deles avançaram para ele. O cabo Thorne parecia disposto a trespassar o homem, não obstante a lâmina pouco afiada.

Mas o intruso não representou uma ameaça durante muito tempo. Antes de qualquer um dos milicianos poder alcançá-lo, desmaiou.

Mesmo aos pés de Violet.

— Oh, meu Deus.

Ao deslizar para o chão, agarrou-se às saias dela, emaranhando-se nelas. Quando a sua cabeça embateu no chão de madeira, com um sonoro baque, formou-se uma faixa de sangue na saia de seda lustrosa.

Violet caiu de joelhos junto ao homem. Não tinha grande escolha. Pressionou a sua mão enluvada sobre o pescoço

do intruso, em busca do pulso. As pontas das luvas acetinadas ficaram de um vermelho vivo. E a tremer.

Kate e Sally agacharam-se a seu lado.

— Céus — suspirou Kate —, ele está todo coberto de sangue.

— E sujidade — disse Sally. — Mas, ainda assim, é lindíssimo.

— Sally, só tu para pensares em tal coisa numa altura destas.

— Não me digas que não reparaste. Basta olhar para estas maçãs do rosto. E o queixo forte. O nariz é que é uma pena, mas aqueles lábios foram feitos para o pecado. Parece um anjo caído do céu, não é?

— Ele caiu — disse Kate. — Lá isso é verdade.

Violet removeu a luva ensanguentada e colocou a mão nua na face fria e suja do homem. Ele gemeu e apertou-lhe ainda mais as saias.

— Quem quer que ele seja, parece estar apanhadinho pela menina Winterbottom — provocou Sally, deitando-lhe um olhar malicioso.

Violet sentiu-se enrubescer. Nunca soubera como agir num baile, mas aquela situação estava completamente omissa nos livros de etiqueta. Quando um homem atravessa um salão de baile e cai aos pés de uma senhora, não deveria a senhora oferecer-lhe algum conforto? Parecia ser a única coisa decente a fazer.

Mais uma vez, repetia um erro passado... Oferecer conforto a um homem ferido e deixá-lo levar demasiadas coisas. E passara o ano anterior a pagar por esse erro.

— Com licença. Deixem-me passar. — Susanna, *Lady Rycliff*, abriu caminho por entre a multidão e ajoelhou-se junto ao homem. — Temos de descobrir a fonte da hemorragia.

Lorde Rycliff juntou-se a ela.

— Deixem-me verificar primeiro se ele está armado. Não sabemos quem ele é.

— É uma pessoa que precisa de ajuda — respondeu Susanna. — Sem demoras. Está com tremores e tem um corte feio na cabeça, vê?

— Susanna...

— Olha para o homem. Achas que pode representar uma ameaça? Está praticamente inconsciente.

— Tira as mãos de cima dele — exigiu Lorde Rycliff em voz baixa e grave. — Imediatamente.

Com um pequeno suspiro, Susanna levantou ambas as mãos até à altura dos ombros.

— Está bem. Despacha-te com isso, por favor.

— Thorne, verifica as botas. Eu revisto os bolsos. — Lorde Rycliff deu umas palmadinhas no peito e na cintura do homem e vasculhou os bolsos do casaco azul-escuro simples.

— Nada.

— Também nada — informou Thorne, virando as botas gastas do homem de cabeça para baixo e abanando-as.

— Nem sequer uma moeda? — perguntou Kate. — Talvez tenha sido assaltado.

— Já posso fazer o meu trabalho? — perguntou Susanna. Perante o aceno de consentimento do marido, ordenou

a um criado. — Tragam cobertores e ligaduras, imediatamente. — Virou-se de seguida para as senhoras. — Kate, podes ir buscar o meu estojo à despensa? Sally, traz-me um copo de vinho quente, por favor. — Depois de tirar as luvas, pôs as mãos nos pés do homem ferido. — Parecem gelo — murmurou, estremecendo. — Uma escalfeta, por favor — pediu aos criados, levantando a cabeça.

Thorne pescou um punhado de musgo-da-irlanda da bota do homem.

— É água do mar. Ele deve ter dado à costa na enseada.

— Meu Deus. Mas se assim foi, como percorreu todo o caminho até aqui?

O maxilar de Lorde Rycliff retesou-se.

— Indo mais ao fundo da questão, por que motivo o fez?

O desconhecido começou a tremer violentamente, tartamudeando palavras através dos lábios azulados. Murmurou então um fluxo constante de palavras numa língua estrangeira.

Rycliff franziu o sobrolho.

— Que língua é esta? Não é inglês. Nem francês.

— A Violet deve saber — alvitrou Susanna. — Ela conhece todas as línguas que há no mundo.

— Isso não é verdade — protestou Violet. — Apenas uma dúzia, mais ou menos.

— Uma vez aprendeu romani numa hora, quando aquele bebé estava doente.

— Não aprendi nada.

Ela não aprendera romani de todo. Apercebera-se, depois de várias tentativas, que uma das mulheres falava um

pouco de italiano, e tinham comunicado com algumas palavras de italiano e com muitos gestos de mão e pantomima à mistura. Não fora uma tradução elegante, mas acabara por ser eficaz, o suficiente para ajudar uma mãe assustada e o seu bebé febril.

A linguagem é uma tapeçaria vasta e complicada. A chave para a comunicação é encontrar um fio comum.

Para tal, Violet afastou as suas emoções e concentrou-se nas palavras do homem.

— Parece uma espécie de dialeto celta. Não é a minha especialidade. Será galês?

Levantou uma mão para pedir silêncio. Instou até o seu batimento cardíaco a parar, para melhor poder ouvir as palavras do homem.

Era sem dúvida uma língua celta de algum tipo. Mas, ouvindo melhor, afinal não parecia nada galês. Muito menos gaélico ou manês.

— Toma — Sally regressou com um copo de vinho quente fumegante. — Dá-lhe isto a beber.

Com ajuda, Violet levantou a cabeça do homem e colocou-lhe o copo nos lábios. Ele bebeu, tossiu e voltou a beber.

— Estou a escutá-lo — disse ela em inglês, esperando que o tom o tranquilizasse, mesmo que não tivesse percebido as palavras. — Diga-me como posso ajudá-lo.

Ele virou-se até ficar com as costas no chão e olhou para ela.

Violet ficou sem fôlego. Um tremor de reconhecimento percorreu-a com tanta força que começou a ver o salão a andar à roda.

Os olhos. Meu Deus, aqueles *olhos*. Eram expressivos e com camadas castanhas de especiarias e tabaco. Possuíam uma inteligência que desmentiam as suas vestes simples e grosseiras. Transmitem desespero, um pedido de ajuda.

Mas não só. Acima de tudo, aqueles olhos pareciam-lhe... *familiares*.

Não pode ser, disse a si própria. Não fazia qualquer sentido. Todavia, quanto mais tempo olhava para os olhos castanhos de especiarias, mais forte ficava o seu sentido de afinidade.

Violet sentia que estava a olhar para um rosto que já vira antes. Um conjunto de características mais familiares do que o seu próprio reflexo no espelho. O rosto que lhe habitava os sonhos.

— Não pode ser — sussurrou ela.

A mão dele agarrou a dela. O contacto repentino e o frio doloroso da sua pele roubaram-lhe o fôlego por um momento.

O fluxo do discurso dele estreitou-se. Começou a repetir uma única frase. O mesmo encadeamento de sílabas, uma e outra vez. Violet escutou-o com toda a atenção. Depois de compreender a estrutura da frase e a acompanhar algumas vezes, foi, por fim, capaz de desvendar o seu significado.

— Consegue perceber o que ele diz? — perguntou Lorde Rycliff.

— Um pouco. Acho que ele está a falar em... — Ela fez uma pausa e ouviu novamente. — Bem, parece quase

um dialeto da Cornualha. Mas não totalmente. Acho que é... bretão.

— Bretão?

— Nunca estudei bretão, por isso não posso ter a certeza. No entanto, já ouvi um pouco de cornoico e sei que o bretão é o seu parente linguístico mais próximo. A Cornualha e a Bretanha estão bastante próximas, como sabem. Estão apenas separadas por uma pequena faixa de mar.

— Bretanha — repetiu Rycliff. — Refere-se à Bretanha, na França.

Violet acenou com a cabeça.

— A França, com a qual estamos em guerra.

— Sim.

Todos no salão de baile ficaram em alerta. Violet viu o alarme nos rostos dos homens de uniforme, que se puseram a olhar uns para os outros. Um francês que dá à costa na praia de Spindle Cove? Enquanto milícia, estavam organizados para evitar que tal acontecesse.

— Pergunte-lhe de onde veio — disse Rycliff. — Há outros?

Um criado regressou com cobertores. Mas quando se preparava para os amontoar em cima do homem trémulo, Lorde Rycliff mandou-o parar, levantando uma mão aberta.

— O que é que ele está a dizer, menina Winterbottom? Temos de saber se Spindle Cove está a ser atacada.

— Eu só consigo compreender uma coisa que ele está a dizer. É a mesma frase, repetida várias vezes.

— E o que diz ele?

Ela tocou com a ponta dos dedos na face do homem.

— *Nedeleg laouen* — repetiu ela. — Feliz Natal.

ALGUMAS FLORES DESABROCHAM À NOITE...

Violet Winterbottom é uma jovem discreta.
Fala seis línguas, mas raramente levanta a voz.
Suportou a dor de um coração partido no mais absoluto silêncio.
A fila de pretendentes que tem à sua espera é quase nula.

Isto é, até à noite do baile de oficiais em Spindle Cove, durante o qual um homem misterioso entra de rompante no salão e cai a seus pés. As vestimentas rudes que traz vestidas e a beleza quase criminosa do seu rosto deixariam qualquer jovem assustada. Está encharcado, ferido e com frio, e fala uma língua estrangeira.

Será um contrabandista? Um fugitivo? Um espião inimigo?

Só Violet o consegue compreender.
E sabe que ele não é aquilo que parece ser.


Prestes a regressar a Londres por vontade dos pais, Violet tem apenas até ao nascer do sol para conseguir descobrir os segredos que se escondem por detrás daquela situação, mas o homem que tem diante de si parece mais interessado em seduzi-la do que em confessar seja o que for. Para descobrir o que ele esconde, Violet terá de revelar os seus próprios segredos, e deixar-se levar pela aventura, pela paixão e pelo impensável... o amor.

DEIXE-SE APAIXONAR PELA SÉRIE SPINDLE COVE:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896237844



9 789896 237844 >